



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUAN FELIPE SILVA DOS SANTOS

**MEMORAÇÃO E NEGRITUDE: O FASC COMO OBJETO DE
REPRESENTAÇÃO DA CULTURA AFRO-SERGIPANA**

**São Cristóvão-SE
2023**

Luan Felipe Silva Santos

**MEMORAÇÃO E NEGRITUDE: O FASC COMO OBJETO DE REPRESENTAÇÃO
DA CULTURA AFRO-SERGIPANA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Federal de Sergipe
(UFS) Como pré-requisito para obtenção
do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof.º Dr. Claudefranklin
Monteiro Santos.

SÃO CRISTÓVÃO
2023.1

RESUMO

O festival de Artes de São Cristóvão (FASC) tem como objetivo celebrar a cultura e arte sergipana. indubitavelmente, pode-se imaginar que o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural contribuem para uma reeducação das relações étnico-racial. A cultura negra, que durante anos foi marginalizada, não havendo espaços, e nem preocupação por certos grupos com a identidade e memória da população afro-brasileira, no presente, tem a necessidade de encontrar lugares que disseminem a sua cultura, suas raízes e ancestralidade. É neste sentido que o FASC se insere, abrindo as portas para a preservação cultural do povo afro, seja através de suas apresentações e representações culturais e artísticas. São Cristóvão possui diversas raízes afrodescendentes, que no festival são expressas através da culinária, vestimentas e apresentações artísticas, contribuindo assim, para uma construção da importância da memória desse povo, influenciando até mesmo a própria população negra, que sente carente em representações nesses espaços de poder. Assim, a pesquisa visa destrinchar os olhares da população afro-sergipana em relação ao FASC, mostrando, além disso a perspectiva da cultura negra no Festival nos últimos anos, utilizando relatos orais dessa população negra sergipana e pesquisas no acervo da UFS sobre o FASC.

Palavras-chave: Arte; Cultura Afro-Sergipana; FASC; Memória; Preservação

SUMMARY

The São Cristóvão Arts Festival (FASC) aims to celebrate Sergipe culture and art. Undoubtedly, it can be imagined that the recognition and appreciation of cultural diversity contribute to a re-education of ethnic-racial relations. Black culture, which for years was marginalized, with no spaces or concern for certain groups with the identity and memory of the Afro-Brazilian population, currently needs to find places that disseminate their culture, roots and ancestry. It is in this sense that FASC operates, opening the doors to the cultural preservation of the Afro people, whether through their cultural and artistic presentations and representations. São Cristóvão has several Afro-descendant roots, which at the festival are expressed through cuisine, clothing and artistic presentations, thus contributing to the construction of the importance of the memory of these people, influencing even the black population itself, which feels lacking in representation in these spaces. power. Thus, the research aims to unravel the views of the Afro-Sergipe population in relation to FASC, also showing the perspective of black culture at the Festival in the last 10 (ten) years, using oral reports from this black population in Sergipe and research in the UFS collection about FASC.

Keywords: Art; Afro-Sergipana Culture; FASC; Memory; Preservation

APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar, sobretudo, o Festival de Artes de São Cristóvão-FASC como um lugar de poder e simbolização cultural, mostrando fragmentos da cultura sergipana. A partir disso, o festival, que tem como objetivo fomentar e expor a cultura sergipana, carrega a necessidade de se aprofundar nas raízes culturais da população afro-sergipana, mostrando através de diversos segmentos artísticos, aspectos da identidade do povo afro. Diante disso, é necessário enfatizar os desafios que a comunidade negra enfrenta na contemporaneidade, as questões do preconceito racial vivido, é recorrente, o negro ainda é taxado como algo negativo, da escuridão ou algo ruim, assim, é nesse contexto que o FASC precisa representar, ainda mais, a cultura afro-sergipana, desta forma, desconstruindo e afastando o preto da escuridão, que a sociedade preconiza.

A partir das ideias do Emmanuel Eze (1997, p.2) “a dominação colonial e imperial da África foi, em sua origem, um elemento construtivo chave na formação histórica das manifestações econômicas, políticas e culturais da era da Europa.” A Europa sempre foi vista como o centro do mundo, um exemplo de modernidade, civilização e cultura, colocando uma ideia de superioridade de uma nação ou nacionalidade.

Diante da filosofia, os povos africanos eram considerados como povos não-civilizados, sendo uma espécie de raça sub-humana, um povo selvagem, colocando-os como seres inferiores ao branco. (EZE,1997)

Indubitavelmente, no atual século do progresso, a cultura negra se encontra na escuridão para o outro, e é nessa perspectiva que o FASC se insere, como um catalisador para a desmistificação da cultura deste povo.

A priori, o FASC é realizado na cidade de São Cristóvão, por volta de outubro e novembro. O ano de 1970 foi marcado pela sua primeira edição do festival, trazendo artistas nacionais, mas dando ênfase nos artistas sergipanos, que é o propósito do evento. Segundo Mislene dos Santos:

O festival foi a primeira atividade de extensão cultural da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Dois principais motivos nortearam a sua criação: a exigência do Ministério da Educação e Cultura (MEC) para que todas as universidades preparassem um festejo, algum tipo de programação artística, para comemorar o sesquicentenário da independência do Brasil, no mês de setembro de 1972, e o desejo da recém-instalada UFS. (2014, p.11)

Sendo assim, é dentro deste ambiente que a pesquisa se abrange, no FASC enquanto civilizador da cultura negra para o outro, e, sobretudo, na importância dessa representação para a cultura afro-sergipana, através das suas atrações musicais e artísticas. Esse trabalho visa em descosturar o que o Festival transmite de cultura afro para o seu público, atrelado a isso, apresentar a visibilidade preta em todos os seus âmbitos culturais. Segundo Roger Chartier(1997), as representações é o modo como os homens constroem o mundo social, e essas representações vem a partir de percepções advindas do pensamento coletivo.

Com isso, o trabalho justifica-se pela necessidade de mostrar essa faceta do FASC, como um importante evento população anual sergipano, outro ponto, seria a popularização e agregação do festival para todos os públicos, contribuindo, assim, para um maior alcance cultural da sociedade sergipana, fundamentalmente, disseminando a cultura afro para os diversos outros grupos sociais. Por outro prisma, é relevante observar, a evolução do FASC, nos últimos anos, enquanto objeto de representação da cultura afro sergipana, visto que “cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” (SANTOS, 1949, p.24)

1.FESTIVAL DE ARTES DE SÃO CRISTÓVÃO

A partir dos discursões, Amauri Pereira formula que um grupo que conhece suas origens e história do seu povo traz uma consciência social importante, mostra o lugar que ele está inserido na sociedade, ampliando ainda mais essa consciência. (2006, p.26)

Diante desse contexto, o Festival de Artes de São Cristóvão funciona como esse objeto difusor, contribuindo para essa ampliação da consciência social do indivíduo, mostrando as origens e história do seu povo. É nítido que diversos grupos pretos não têm consciência das suas origens e da cultura do seu povo, e com isso, o FASC contribui para essas desconstruções.

O FASC é realizado na cidade de São Cristóvão, uma das cidades mais antigas do Brasil. Segundo o IBGE “São Cristóvão é a quarta cidade mais antiga do país e foi a primeira capital de Sergipe, fundada por Cristóvão de Barros em 1590”. Durante o FASC toda a parte alta da cidade se mobiliza para o evento, o palco principal se localiza na praça São Francisco, que é considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO

Foto 1- Praça São Francisco



A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹ é o órgão responsável pela certificação dos patrimônios mundiais, com o objetivo de proteger e divulgar os bens patrimoniais. No Brasil existem, atualmente, vinte e dois patrimônios que receberam a chancela de “patrimônio mundial”, entre eles estão patrimônios culturais e naturais.

A Convenção de 1972 divide o patrimônio cultural em três grandes categorias: a de monumentos, a de sítios e a de grupos de edifícios. Durante os 40 anos da Convenção, a Lista passou a incluir tipos cada vez mais complexos de bens, com requisitos de gestão mais exigentes. O status de Patrimônio Mundial confere prestígio e pode atrair para os bens que o conquistam maior interesse público. Os Estados partes tendem a usá-los como sítios de referência para melhorar a gestão do patrimônio cultural em geral.

Durante o FASC, acontece variadas atrações artísticas, musicais, é onde a arte e os museus abrem as portas para a população.

O FASC, evento que acontece desde 1972, tem como pressuposto retratar e divulgar a sergipanidade, mostrando a cultura do povo. O termo cultura e, por consequência, seus debates e estudos, se desenvolvem a partir da década de 70,

¹ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, foi criada em novembro de 1945, com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações.

consolidando-se nas décadas seguintes (CANCLINI,2003). Com isso, atualmente há um aprofundamento no tocante cultural. Sergipe, apesar de ser o menor estado do país, é um território com culturas diversificadas, existe conjuntos de tradições, crenças e costumes, representados por muitos grupos sociais.

O festival durante esses anos, vem se popularizando pelos sergipanos, movimentando a cultura, arte e o turismo. O turismo² é um dos principais objetivos do FASC, o evento movimenta a economia do estado, e a própria economia local, a cidade de São Cristóvão

A partir do questionário, pode-se observar que 70% das pessoas que responderam o questionário, declaram que frequentam as edições do FASC:

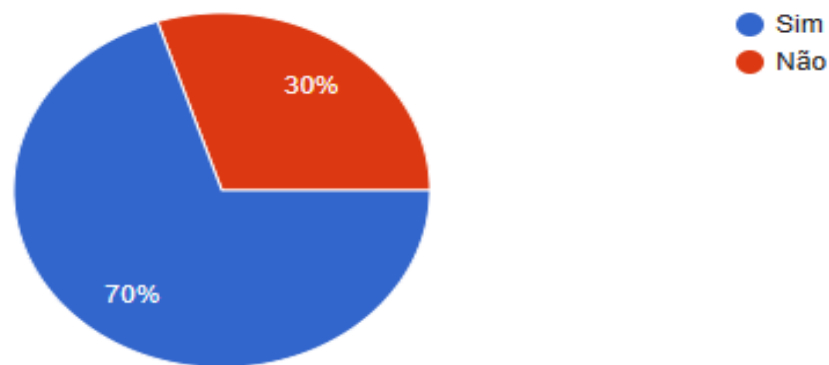


Gráfico 1: A Frequência no FASC

A cada ano a prefeitura de São Cristóvão investe ainda mais no evento, inserindo atrações artistas e musical, trazendo nomes renomados da música brasileira e local.

Ao longo do questionário, é possível observar que 90% dos entrevistados se reconhecem como negros ou pardos, se mostrando como público alvo da pesquisa.

São Cristóvão é uma cidade rica em cultura, embora as ações da historiografia local ainda é voltada para as teorias europeias, no que diz respeito aos conceitos de patrimônio cultural e memória, afeitos aos trabalhos de Pierre Norá, Roger Chartier e Françoise Choay, outras possibilidades interpretativas que evocam protagonismo negros

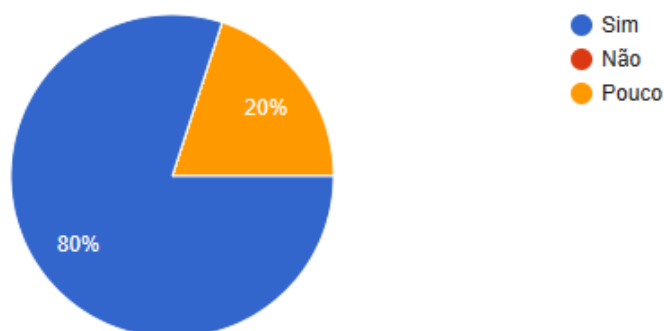
² O turismo é a fonte mais importante para o estado de Sergipe, é o gerador de renda e movimentador da economia local, segundo dados da prefeitura de Aracaju, Sergipe é o destino que mais cresceu em procura, cerca de mais de 2,9 milhões de estrangeiros aterrissaram em Sergipe, fazendo assim, por consequência, um aumento na economia sergipana.

na cultura sancristovense, transportando os olhares para o seu povo, constituindo pesquisas de campo, que enfoque no patrimônio negro da cidade, ressaltando a Casa da Queijada de Dona Marieta Santos³, que é uma mulher negra e descendente de escravizados, matriarca no ramo da doceria, focando também, na literatura de Cordel e Xilogravuras, grafite de artistas negros como Nivaldo oliveira, entre outros.

Com isso pode-se observar que, São Cristóvão traz novos olhares sobre os afrodescendentes, seu lado cultural, através dos doces⁴, manifestações culturais de grupos e artista. A cidade elude um conceito de memória vinculado as tradições culturais e suas historicidades, focando nas suas heranças do passado, como os doces, grupos de cultura popular, suas edificações, museus e memória.

O FASC integra-se como potencializador, evidenciando essas tradições e manifestações culturais, transformando a cidade em um palco de atrações. A pesquisa demonstra que 80% dos entrevistados notam aspectos da cultura negra no FASC, porém 20% afirmaram que o festival ainda investe pouco nesses aspectos:

No Gráfico 2, é possível notar aspectos da cultura negra no FASC?



O festival se consolida como um educador, a fim de desenvolver a compreensão de conceitos como memória e cultura, expondo praticas que estimulam a experimentação e o desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo, prescindido através do lúdico, do divertido e das riquezas das raízes multiculturais.

³ Dona Marieta dos Santos, símbolo da cidade de São Cristóvão, doceira, transformou as queijadinhas em patrimônio imaterial da cidade, sem dúvidas, sua história encoraja e orgulha a população negra.

⁴ Os doces sancristovenses representam um exercício de criatividade cultural, uma vez que suas receitas precisam ser reelaboradas com as frutas e especiarias do território latino-americano, modificando assim, a receita original e criando sensibilidade agradáveis ao paladar, como as queijadinhas.

2. SERGIPE E SUAS RAÍZES AFRICANAS

Sergipe, um dos menores estados do Brasil em área territorial, é um caldeirão cultural onde diversas influências se misturam para criar uma rica tapeçaria de tradições e identidades. Neste capítulo, exploraremos as profundas raízes africanas que permeiam a cultura sergipana, desde seus primórdios até os desafios enfrentados por essa comunidade ao longo dos anos.

A presença africana em Sergipe remonta ao período colonial, quando milhares de africanos foram trazidos para o Brasil como escravizados para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, nas minas e em outras atividades econômicas. Esses africanos trouxeram consigo não apenas a força de trabalho, mas também uma riqueza de conhecimento cultural que gradualmente se entrelaçou com as tradições indígenas e europeias já presentes na região.

2.1 Música e dança

A música e a dança são elementos fundamentais da cultura afro-sergipana. A capoeira, uma forma de luta disfarçada de dança, é um exemplo vivo dessa síntese cultural, incorporando movimentos graciosos e rítmicos que se originaram na África. Os tambores africanos, como o atabaque e o agogô, desempenham um papel central na música e na religiosidade afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda.

A música afro-brasileira, com raízes profundas na cultura afro-sergipana, desfruta de reconhecimento nacional e internacional. O samba de roda, o maracatu e outros gêneros musicais com influências africanas são celebrados em festivais e eventos culturais em Sergipe, contribuindo para a identidade musical única do estado. Artistas afro-sergipanos também têm desempenhado um papel significativo na cena musical, contribuindo para a diversidade artística brasileira, como por exemplo Rogério Lima Duarte. Sua carreira musical é marcada por uma fusão de estilos que incorporam elementos da música popular brasileira, do samba, do reggae e da música africana. Rogério também é conhecido por sua contribuição para o movimento musical chamado “Afroreggae,” que mistura influências do reggae jamaicano com ritmos afro-brasileiros e africanos. Esse movimento cultural promove a conscientização e a inclusão, além de celebrar a herança africana na música brasileira.

2.2 Religião

A religião desempenha um papel crucial na preservação das tradições culturais africanas em Sergipe, com destaque para o candomblé, uma religião afro-brasileira que cultua divindades originárias da África e preserva seus rituais e crenças. Templos de candomblé, conhecidos como "terreiros," são locais de celebração da espiritualidade africana e de transmissão dessas tradições às gerações futuras em Sergipe.

O candomblé, com raízes profundas nas crenças espirituais e mitologia africanas, representa uma celebração das divindades conhecidas como orixás, cada um simbolizando aspectos específicos da natureza e da vida humana, como a fertilidade, sabedoria, justiça e guerra. Essa religião se desenvolveu no Brasil a partir das crenças trazidas pelos africanos escravizados durante o período colonial.

Templos de candomblé são encontrados em diversas regiões de Sergipe e desempenham um papel fundamental na manutenção das tradições culturais africanas. Dentro desses espaços sagrados, rituais são realizados de acordo com os ensinamentos ancestrais transmitidos oralmente de geração em geração. Os líderes religiosos, conhecidos como "pai de santo" e "mãe de santo," são guardiões do conhecimento e garantem a autenticidade das práticas.

Os terreiros de candomblé não são apenas locais de culto religioso; eles também servem como centros comunitários, onde as pessoas encontram apoio mútuo e solidariedade. A comunidade dentro de um terreiro é frequentemente comparada a uma família estendida, proporcionando um senso de pertencimento e união aos seus membros.

Apesar de suas contribuições culturais e espirituais significativas, os terreiros de candomblé em Sergipe ainda enfrentam desafios, incluindo a discriminação religiosa e a falta de compreensão sobre as práticas afro-brasileiras. No entanto, houve progressos no reconhecimento da importância cultural do candomblé no estado e no Brasil, bem como na promoção do respeito à liberdade religiosa. Em resumo, o candomblé em Sergipe é um testemunho vivo da herança africana, preservando tradições espirituais e culturais que enriquecem a identidade do estado e do país como um todo.

2.3 Gastronomia

A gastronomia afro-sergipana é uma rica fusão de sabores e técnicas culinárias trazidas pelos africanos escravizados para o estado de Sergipe, combinadas com ingredientes e influências indígenas e europeias. Essa culinária é uma parte essencial da

identidade cultural do estado e oferece uma variedade de pratos saborosos que refletem a diversidade e a criatividade culinária da comunidade afrodescendente.

Aqui estão alguns pratos e elementos distintivos da gastronomia afro-sergipana: Acarajé, Moqueca de Peixe, Vatapá, Abara, Mungunzá, Caruru, Feijoada. A gastronomia afro-sergipana é caracterizada por sua criatividade no uso de ingredientes locais e técnicas tradicionais. Essa culinária não apenas satisfaz o paladar, mas também carrega consigo a história e a herança da comunidade afrodescendente em Sergipe. Ao saborear esses pratos, os visitantes e habitantes locais podem se conectar com as tradições culturais que têm enriquecido o estado ao longo dos séculos.

Apesar da riqueza da cultura afro-sergipana, a comunidade afrodescendente enfrentou desafios significativos ao longo da história. A escravidão, a discriminação racial e a marginalização cultural são questões que moldaram a experiência afro-sergipana. No entanto, a resiliência dessa comunidade e seu compromisso em preservar suas raízes africanas foram fundamentais para superar esses desafios.

Ao longo do tempo, surgiram movimentos de resistência liderados por afro-sergipanos que lutaram por seus direitos civis e pelo reconhecimento de sua herança cultural. Esses movimentos desempenharam um papel fundamental na promoção da igualdade racial e na valorização da cultura afro-sergipana.

A história da comunidade afrodescendente em Sergipe é marcada por desafios significativos que remontam aos tempos da escravidão. Durante o período colonial, milhares de africanos foram trazidos à força para Sergipe como escravizados, onde enfrentaram uma exploração brutal nas plantações de cana-de-açúcar e em outras atividades econômicas. A escravidão deixou um legado de trauma e opressão que perdurou por gerações.

Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, a discriminação racial persistiu. Afrodescendentes em Sergipe e em todo o Brasil enfrentaram barreiras para o acesso à educação, emprego, moradia e outros direitos fundamentais. A marginalização cultural também era uma realidade, com a cultura afro-sergipana muitas vezes subvalorizada ou estereotipada.

De acordo com Lélia Gonzalez, o racismo é uma construção ideológica e suas práticas perpassam diferentes processos de discriminação racial. Trata-se de um discurso de exclusão utilizado para dominar e matar o povo africano. É crucial que não nos restrinjamos a ideia de morte apenas ao seu aspecto físico. Há uma morte ocorrida

quando o indivíduo é privado do direito à sua cultura, as suas crenças, as suas individualidades, ou seja, trata-se de uma morte social. Segundo Petterson:

A escravidão como uma "morte social", na qual o cativo é arrancado do seu lugar de moradia, de sua língua, suas crenças, seus laços familiares e seus ancestrais, sua comunidade e seus costumes, uma espécie de desenraizamento, ou excomunhão da família e da sociedade originais. O resultado é a completa obliteração de sua identidade antiga para a construção de uma nova, dependente e condicionada pelo senhor. O escravo passa a não ter vida própria. Sua nova existência dependeria por completo do poder do seu dono. O simbolismo dessa nova identidade estaria nos rituais que, em geral acompanhavam os processos de escravização, como marca feitas a ferro quente no corpo do cativo, ou uso de colares e pulseiras metálicas que indicavam quem eram seus donos, o batismo em uma nova religião, o aprendizado de uma nova língua e de uma nova maneira de se vestir e se comportar e, por fim, a atribuição de um novo nome." (PATTERSON, 1982)

No entanto, a resiliência da comunidade afrodescendente e seu compromisso em preservar suas raízes africanas foram fundamentais para superar esses desafios. Ao longo do tempo, surgiram movimentos de resistência liderados por afro-sergipanos que buscavam a igualdade racial e o reconhecimento de sua herança cultural. Esses movimentos desempenharam um papel vital na promoção dos direitos civis e na valorização da cultura afro-sergipana. Organizaram protestos, campanhas de conscientização e iniciativas educacionais para combater a discriminação racial e promover a igualdade.

Embora os desafios ainda persistam, o legado desses movimentos de resistência e a perseverança da comunidade afrodescendente são uma fonte de inspiração. Eles continuam a moldar a sociedade contemporânea, promovendo a igualdade racial e celebrando a herança cultural afro-sergipana, contribuindo para um futuro mais inclusivo e justo para todos. A relação entre a história da comunidade afrodescendente em Sergipe e o Festival de Arte e Cultura de São Cristóvão (FASC) é uma expressão vívida do compromisso em preservar e celebrar a herança cultural afro-sergipana.

3. A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA NEGRA NO FASC

O Festival de Artes de São Cristóvão (Fasc), que possui 51 anos de história, agora é um Bem de Interesse Cultural de Sergipe⁵.

A relação entre a história da comunidade afrodescendente em Sergipe e o Festival de Arte e Cultura de São Cristóvão (FASC) é uma expressão vívida do compromisso em preservar, celebrar e promover a herança cultural afro-sergipana, incluindo a representação negra no próprio evento.

Figura 1 Anne Carol se apresentando no Fasc 2022



Fonte: <https://publicacao.saocristovao.se.gov.br/post/festival-de-artes-de-sao-cristovao-se-torna-bem-de-interesse-cultural>

O FASC é um evento anual que ocorre em São Cristóvão, uma cidade histórica de Sergipe com uma forte presença da cultura afro-brasileira. O festival desempenha um papel crucial na valorização da cultura afro-sergipana e na promoção da igualdade racial, dando destaque à representação negra em várias facetas.

3.1 Valorização da Cultura Afro-Sergipana e Representação Negra

Durante o FASC, a cultura afro-sergipana é celebrada de maneira abrangente, destacando-se a representação negra em todas as suas manifestações culturais. Isso inclui:

⁵ O projeto de Lei de autoria do deputado estadual sancristovense Paulo Júnior foi aprovado na última quarta-feira (23/08/2023), na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (Alese). O projeto visa na integração do Festival de Artes de São Cristóvão como um bem de interesse cultural de Sergipe.

- **Música e Dança:** O festival apresenta performances de grupos de música e dança afro-brasileira, onde artistas negros têm a oportunidade de exhibir seus talentos e compartilhar as tradições musicais e de dança que são intrinsecamente ligadas à herança africana.
- **Arte Visual:** Exposições de arte que exploram temas afro-brasileiros e a diáspora africana frequentemente apresentam obras de artistas negros, proporcionando um espaço para que suas vozes e perspectivas sejam ouvidas e apreciadas.
- **Oficinas e Palestras:** O FASC oferece uma variedade de oficinas e palestras que abordam questões relacionadas à cultura afro-sergipana, história e igualdade racial, muitas vezes lideradas por palestrantes e facilitadores negros que compartilham seus conhecimentos e experiências.
- **Alimentação e Artesanato:** Vendedores e artesãos negros frequentemente participam do evento, expondo suas criações culinárias e artesanais, oferecendo uma visão autêntica da cultura afro-sergipana através da gastronomia e dos produtos artesanais.

Figura 2 Representatividade negra no FASC



Fonte: <https://i0.wp.com/lagartocomoeujejo.com.br/wp-content/uploads/2022/11/37a-edicao-do-Festival-de-Artes-de-Sao-Cristovao-tera-show-de-Diogo-Nogueira-e-Alceu-Valenca.jpg?fit=1200%2C800&ssl=1>

3.2 Combate à Discriminação Racial e Promoção da Igualdade

O FASC não apenas celebra a cultura afro-sergipana, mas também desempenha um papel importante na promoção da igualdade racial e na conscientização sobre questões raciais. Ao destacar a representação negra em todas as suas formas, o festival desafia estereótipos e preconceitos, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre a diversidade e a inclusão.

3.3 Fortalecimento da Comunidade e Empoderamento Econômico

O festival também é uma oportunidade para o fortalecimento da comunidade negra em Sergipe, fornecendo um espaço para expressar identidades culturais e um mercado para artistas e empreendedores negros. Isso contribui para o empoderamento econômico e a coesão da comunidade.

O FASC não apenas destaca a riqueza da cultura afro-sergipana, mas também coloca a representação negra no centro do evento. Essa celebração da herança africana e da diversidade é um testemunho do compromisso contínuo de valorizar e preservar as raízes africanas na identidade cultural sergipana, ao mesmo tempo em que promove a igualdade e o respeito pela diversidade racial.

A representação negra no Festival de Arte e Cultura de São Cristóvão (FASC) vai além de uma mera presença física. Ela desempenha um papel fundamental na narrativa do evento, refletindo a riqueza da herança afro-sergipana e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

3.4 Palco para Artistas Negros

O FASC oferece um palco significativo para artistas negros, permitindo que eles compartilhem suas criações e talentos com o público. Músicos, dançarinos, atores, escritores, pintores e outros profissionais negros têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos, expressar suas perspectivas e influenciar positivamente a cena cultural de Sergipe.

3.5 Refletindo a Diversidade Cultural

A participação ativa de artistas e criativos negros no FASC ajuda a ampliar a representação de diferentes expressões culturais e artísticas relacionadas à diáspora africana. Isso inclui a promoção de gêneros musicais como o samba, o maracatu e o axé, bem como a celebração de danças tradicionais, como o candomblé e o jongo.

O FASC também serve como uma plataforma educativa que aborda questões relacionadas à história, à cultura e à igualdade racial. Palestras, debates e oficinas liderados por acadêmicos e ativistas negros oferecem ao público a oportunidade de aprender e discutir tópicos relevantes, como a diáspora africana, a história da escravidão, o papel da cultura afro-brasileira e as lutas contemporâneas por igualdade racial.

Em resumo, a representação negra no Festival de Arte e Cultura de São Cristóvão não é apenas simbólica, mas também é uma força motriz por trás da celebração da cultura afro-sergipana, do combate ao racismo e da promoção da igualdade racial. É uma demonstração de como a arte e a cultura podem ser usadas como ferramentas poderosas para conscientização, educação e empoderamento, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva em Sergipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o Festival de Artes de São Cristóvão, foi possível perceber que ao longo das edições, a inclusão de artistas negras e a representação da cultura afro-sergipana foi se intensificando. Essa realidade contribui para a desconstrução das invalidações, combatendo o pensamento obscuro, que durante séculos foram prorrogados em relação a comunidade negra. A luta de representações tem a importância para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores e seus domínios. (CHARTIER, 1997)

Nesse contexto, foi necessário entender as manifestações e expressões culturais do povo afro-sergipano, a formação de uma programação cultural negra, nas últimas edições, formata as concepções tradicionais e conservadoras, outro ponto a se observar, são as atrações dos cantores locais, que nas suas edições ganham destaque. As manifestações características atuantes em Sergipe, são representadas em diversas tradições, a riqueza do folclore sergipano, retrata as tradições e costumes do povo sergipano, o FASC representa esse resgate da valorização das tradições culturais da população afro-sergipana.

O desenvolvimento deste artigo, representa o afastamento da tradicionalidade histórica, fugindo dos compêndios positivistas, que enfatiza uma história dos grandes acontecimentos e feitos historiográficos. Nesse contexto, o trabalho buscou-se aproximar das novas tendências historiográfica, advindas da proposta feita pelos Annales, que trouxe novos olhares, concepções, abordagens e objetos para a historiografia, focada na história-problema, que não se preocupa apenas com os documentos, impondo uma lupa nas sociedades, dando voz aos anônimos. (HEBE CASTRO, 1997)

Nesse intuito, o público contribuinte para a pesquisa, são pessoas comuns, anônimas, que vivenciaram as edições do Festival, em sua maioria, integrantes da

comunidade negra sergipana, expressando os pontos positivos e necessários para a representação da cultura afro-sergipana.

A partir dos questionários aplicados, foi possível observar um panorama geral sobre a representação cultural afro, durante as edições do Festival Sergipano. As entrevistas, foram colocadas como fonte, devido a maneira mais adequada de se aproximar do público, majoritariamente formado por pessoas negras.

Como resultado, essa pesquisa trouxe a caracterização dos principais pontos da cultura negra sergipana, representadas em seus diversos segmentos, artísticos, da dança e música, como também, seu lado cultural, destacando, as tradições da gastronomia e das artes. Foi um trabalho realizado a partir do entendimento de um fator coletivo, indubitavelmente, impensando uma dimensão de um contexto amplo, como na atuação do FASC, como formador e construtor identitário do povo sergipano.

É importante reconhecer as facetas dessa pesquisa, como contribuinte para o conhecimento profundo sobre a cultura afro-sergipana, visto por alguns grupos, como um escárnio da sociedade, é importante para essa desconstrução deste pensamento deturbado, a frente da cultura do povo afrodescendente sergipano. Em suma, há uma importância que este projeto não fique apenas para a comunidade acadêmica, que seja sintetizado e democratizado para outros públicos, podendo servir, até mesmo, como portas para outras pesquisas futuras, que também, contribuirão para essa desconstrução do pensamento conservador, negacionista e preconceituoso, debatido nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Manual de história Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARÓSTEGUI, J. A pesquisa Histórica: teoria e método. Trad. De Andréa Dore. Bauru:SP: Edusc, 2006.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CANCLINI, Néstor García. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo(org). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

FÉLIX, Loiva Otero. História e Memória: A Problemática da Pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

EZE, Emmanuel Chukwudi. A filosofia moderna ocidental e o colonialismo africano. (Tradução feita por Marcos Carvalho Lopes para uso didático), 1997.

MICELI, Sergio (Org). Estado e Cultura no Brasil. São Paulo: Difel, 1984.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Prefeitura de São Cristóvão. <https://publicacao.saocristovao.se.gov.br/category/fasc>

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REFERENCIAS ELETRÔNICAS

BISPO, Denise Maria de Souza. História e cultura afro-brasileira em Sergipe: Antecedentes da Lei 10639-03. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5671/1/DENISE_MARIA_SOUZA_BISPO.pdf, acesso em: 12/09/2023

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Africanos e crioulos: Identidades, culturas e lutas. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jdas/joinpp2019/anais.html>, acesso em: 29/08/2023.

GOVÊA, Maria de Fátima Silva. A história política no campo da história cultural. Revista de história regional, 1998. Disponível em: <http://www.eventos.uepg.br/ojs2/index.php/rhp/article/viewFile/2051/1533>.

Prefeitura de São Cristóvão. <https://publicacao.saocristovao.se.gov.br/category/fasc>, acessado em: 24/09/2023.

Presença Negra na Cultura Sergipana: História, Identidade e Cultura. Disponível em>: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/a-influencia-da-cultura-afro-para-formacao-sergipana/>, acesso em: 25/09/2023.

UMA HISTÓRIA EM CARTAZ. Fasc: Festival de Artes de São Cristóvão. São Cristóvão. Ed: UFS,2008.

UNESCO. A UNESCO no mundo e no Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>, acesso em: 10/08/2023.